

TÁ VIVO? O DIÁLOGO COM O PÚBLICO SOBRE ARANHAS E ESCORPIÕES EM UM MUSEU ITINERANTE

Maria Luiza Romão¹, Júlia Andrade-de-Sá², Davi Emanuel Soares Barreto³, José Daniel da Silva Mota⁴, Esther Verena Guimarães França⁵, Rejâne Maria Lira-da-Silva⁶ e Tania Kobler Brazil⁷

¹Universidade Federal da Bahia (UFBA) – mariaromao@ufba.br; ²Universidade Federal da Bahia (UFBA) – julia.sa@ufba.br; ³Universidade Federal da Bahia (UFBA) – davibarreto@ufba.br; ⁴Universidade Federal da Bahia (UFBA) – josedsm@ufba.br; ⁵Universidade Federal da Bahia (UFBA) – esthervgfranca@gmail.com; ⁶Universidade Federal da Bahia (UFBA) – rejanelirar2@gmail.com; ⁷Universidade Federal da Bahia (UFBA) – taniakbrazil@hotmail.com

Museus de ciências são espaços de divulgação científica para diferentes públicos. Esta pesquisa trata das práticas educacionais, comunicacionais e museológicas no Núcleo de Ofiologia e Animais Peçonhentos da Bahia da Universidade Federal da Bahia (NOAP/UFBA), laboratório, grupo de pesquisa e Museu Universitário Itinerante de Ciências. Objetivamos relatar a experiência da divulgação científica sobre Aracnídeos no NOAP/UFBA, considerando que o escorpionismo e o araneísmo somaram cerca de 69,8% dos acidentes (2022), reconhecidos como problema de saúde pública. O NOAP/UFBA possui um Setor Educativo – Rede de Zoologia Interativa (REDEZOO) que integra a construção de ações educativas baseadas nos princípios/ações da Política Nacional de Educação Museal (PNEM, 2018), da Educação Científica Intercultural e da Educomunicação (Lira-da-Silva *et al.* 2019, 2021a,b; Lira-da-Silva, Almeida & Lira-da-Silva, 2022; Oliveira, Sebastião & Lira-da-Silva, 2023), na divulgação científica sobre animais peçonhentos. Todas as atividades ocorreram no âmbito do Aracnidário, cadastrado no CIUCA/MCTI e no SisGen/MMA (N. CDAA308) e das Coleções Didáticas (SisGen/MMA N. C28BF10). No museu, as relações pedagógicas entre os mediadores (agentes), os animais peçonhentos (objeto/temática) e o público (visitante) ocorreram através da Zoologia Viva - Dioramas com escorpiões vivos e aranhas viúva-negra, aranhas-marrons, aranhas-armadeiras e caranguejeiras; Experimentos com escorpiões; e Mão-na-Aranha. Do ponto de vista do público, essas ferramentas educativas promoveram um diálogo horizontal que contribuiu para a compreensão sobre as aranhas e escorpiões, sua biologia, prevenção e controle de acidentes e conservação. Do ponto de vista dos mediadores, os desafios se impõem na necessidade de lidar com diferentes públicos e na itinerância, que apesar de edificante, têm desafios logísticos nas atividades com os animais vivos. Nesta experiência, foi possível unir a divulgação de informações científicas sobre aracnídeos, a partir dos princípios educacionais, interculturais e da Educação Museal, desmistificando conceitos acerca desses animais.

Introdução. Segundo o International Council of Museums (ICOM, 2007), as instituições que abrigam espécimes vivos de plantas e animais, que realizam atividades de conservação, pesquisa e exposição também podem ser consideradas museus. O espaço museológico, fixo ou itinerante, possibilita um ambiente de divulgação e educação científica interculturais e viabiliza diálogos horizontais ao conectar diferentes comunidades, além de ser uma importante ferramenta na abordagem de temas sensíveis como os animais peçonhentos (Lira-da-Silva *et al.*, 2021a). Os museus de ciências são espaços de divulgação científica para diferentes públicos, com particularidades em relação à temática e aos processos educacionais nos seus interiores. A pesquisa sobre exposições e/ou atividades em museus têm se intensificado, tornando-se cada vez mais um campo de produção de conhecimento, tanto em relação ao público visitante, quanto aos mediadores (Lira-da-Silva, Almeida & Lira-da-Silva, 2022). Esta pesquisa trata das práticas educacionais, comunicacionais e museológicas sobre os Aracnídeos (Aranhas e Escorpiões) no Núcleo de Ofiologia e Animais Peçonhentos da Bahia da Universidade Federal da Bahia (NOAP/UFBA), laboratório, grupo de pesquisa e Museu

Universitário Itinerante de Ciências. Este trabalho tem por objetivo relatar a experiência da divulgação científica sobre aracnídeos no NOAP/UFBA, considerando que o escorpionismo e o araneísmo somaram cerca de 69,8% dos acidentes por animais peçonhentos no Brasil em 2022, reconhecidos como um problema de saúde pública (Oliveira, Sebastião & Lira-da-Silva, 2023).

Materiais e métodos. O NOAP/UFBA possui um Setor Educativo – Rede de Zoologia Interativa (REDEZOO) que integra a construção de ações educativas baseadas nos princípios e ações da Política Nacional de Educação Museal (IBRAM, 2018), da Educação Científica Intercultural e da Educomunicação (Santos & Lira-da-Silva, 2012; Lira-da-Silva *et al.* 2019, 2021a,b; Lira-da-Silva, Almeida & Lira-da-Silva, 2022; Oliveira, Sebastião & Lira-da-Silva, 2023), na divulgação científica sobre animais peçonhentos. Todas as atividades, presenciais, itinerantes ou não, ocorreram no âmbito do Aracnidário, cadastrado no CIUCA/MCTI e no SisGen/MMA (N. CDAA308) e das Coleções Didáticas (SisGen/MMA N. C28BF10).

Resultados e discussão. Dentro do ecossistema museal, as relações pedagógicas entre os mediadores (agentes), os animais peçonhentos (objeto/temática) e o público (visitante) ocorreu através da Zoologia Viva (Santos & Lira-da-Silva, 2012) utilizando-se de Dioramas com escorpiões vivos – *Tityus serrulatus*, *T. stigmurus*, *T. aba* e aranhas viúva-negra (*Latrodectus gr. mactans*), aranhas-marrom (*Loxosceles chapadensis*), aranhas-armadeiras (*Phoneutria bahiensis*) e caranguejeiras (*Lasiadora klugi*); Experimentos com escorpiões - *Cadê o escorpião que estava aqui?* e *Você precisa de protetor solar, o escorpião não!* (Fonseca & Lira-da-Silva, 2015); e Mão-na-Aranha - com aranhas caranguejeiras *Iridopelma vanini* e protocolo que assegure a segurança das pessoas e dos animais (Tabela 1).

Tabela 1. Ferramentas utilizadas nas ações educativas da Zoologia Viva – Rede de Zoologia Interativa do NOAP/UFBA.

Ferramenta	Conceito	Imagem
Diorama	Terrários de vidro e ambientados com o objetivo de representar um cenário que permita o bem-estar e história natural dos animais.	
“Cadê o escorpião que estava aqui?”	Terrário de vidro que simula um ambiente doméstico, inclusive entulhos e lixo onde são colocados cerca de 5 escorpiões e os mediadores solicitam que os visitantes encontrem os animais. Há um material de apoio que é um jogo de 7 erros.	
“Você precisa de protetor solar, os escorpiões não!”	Terrário de vidro, forrado com adesivo de cor preta e uma abertura na tampa. Para esse experimento, são utilizados em média dois escorpiões vivos da espécie <i>Tityus serrulatus</i> acomodados no terrário e uma lanterna de luz ultravioleta (UV), onde os visitantes são desafiados a encontrá-los. O objetivo é tratar da presença da cumarina que permite o reflexo da luz UV, que	

	conferiu proteção aos escorpiões na sua história evolutiva de conquista do ambiente terrestre.	
“Mão na Aranha”	Proporciona ao visitante o contato direto com uma aranha, a partir do toque do animal com a mão da pessoa. Para essa ferramenta, são utilizadas aranhas caranguejeiras (<i>Iridopelma vanini</i>).	

Do ponto de vista do público, essas ferramentas educativas promoveram um diálogo horizontal que contribuiu para a compreensão sobre as aranhas e escorpiões, sua biologia, prevenção e controle de acidentes e conservação (Santos e Lira-da-Silva, 2012).

Do ponto de vista dos mediadores, os desafios se impõem na necessidade de lidar com diferentes públicos e na itinerância, que apesar de edificante, têm desafios logísticos nas atividades com os animais vivos. As práticas educacionais, comunicacionais e museológicas mostraram-se ser úteis para educar sobre os aranhas e escorpiões, ressaltando a importância da mediação:

Ao invés de somente falar que tem quatro pares de patas, mais fácil ter uma aranha na sua frente e mostrar. O material faz toda a diferença na interação entre mediador e o visitante. A gente quer tocar nas coisas, quer fazer parte do que está acontecendo. Só olhar e ouvir não é fazer parte.” (Lira-da-Silva, Almeida & Lira-da-Silva, 2022, p. 361).

Smania-Marques *et al.* (2006) investigaram a relação do público com os elementos que compõem as exposições itinerantes da REDEZOO, em 2005 e 2006, e observaram que a quantidade de mitos e lendas sobre esse assunto é muito grande, fazendo com que a relação do público com o material exposto seja um misto de medo e fascínio. Quase duas décadas depois, os mediadores sustentam o observado pelas autoras. Muitos dos visitantes chegam às exposições com conhecimento espontâneo sobre os aracnídeos, seja por uma vivência pessoal, contada por terceiros, ou até mesmo de recursos como livros ou filmes que corroboram para a mistificação desses animais, são corriqueiros os comentários envolvendo mitos e lendas. Porém, é muito interessante observar que por trás do medo, existe uma curiosidade aguçada e muitas vezes através do diálogo e uso das ferramentas educativas, observa-se o medo dando espaço para reações positivas.

Um dos grandes desafios experimentados pela equipe do NOAP/UFBA é estar sempre pronta para adaptar as ações educativas de acordo com o perfil dos participantes das exposições e visitas. Para manter um diálogo horizontal e intercultural, muitas vezes faz-se necessário adaptar a abordagem e a linguagem de modo que todos sintam-se acolhidos, e mais importante, que haja o compartilhamento e a compreensão do conhecimento.

Para além das dificuldades de se educar sobre animais peçonhentos e lidar com as percepções do público, existe uma grande dificuldade relacionada à itinerância. Em Lira-da-Silva e colaboradoras (2022, p. 350), destaca-se o seguinte trecho - “*O processo de organização e realização das exposições é bastante simples* - por ser um ponto de divergência dos autores do presente trabalho. O que se percebe, nessas práticas é que embora, seja gratificante todas as itinerâncias, o processo necessário para que ela ocorra acaba por ser desgastante. A dinâmica de arrumar os materiais e, principalmente, deslocar os animais peçonhentos precisa ser feita com muita atenção e cuidado, o que exige muito dos mediadores e estagiários do Núcleo.

Seguindo as discussões acerca da mediação no Grupo de Trabalho “Perspectivas Conceituais” da PNEM (IBRAM, 2018), o conceito de mediação adquire um significado fortemente vinculado à prática de escutar o outro, bem como à clareza política e teórica que

ressalta que o educando, ao visitar a exposição, desempenha ao mesmo tempo o papel de educador, assim como o educador (mediador) também atua como educando.

Conclusão. Nesta experiência, foi possível unir a divulgação de informações científicas sobre aracnídeos, a partir dos princípios educacionais, interculturais e da Educação Museal, desmistificando conceitos acerca desses animais.

Agradecimentos. CNPq – Bolsa ADC-2A (Edital CNPq/MCTI/FNDCT nº 39/2022) e Bolsa Produtividade em Pesquisa em DC/1-C (2021-2025); Pró-Reitoria de Extensão da UFBA – Bolsa do Programa de Iniciação à Extensão (2022/2023).

Referências

1. IBRAM. Caderno da Política Nacional de Educação Museal. Instituto Brasileiro de Museus/IBRAM, 2018, 132p.
2. ICOM - INTERNATIONAL COUNCIL OF MUSEUMS. Museum Definition. ICOM, 2007. Disponível em: <https://bit.ly/3S3dQkn>. Acesso em: 08 de fev. 2024.
3. Fonsêca MF; Lira-da-Silva RJ. Os escorpiões como tema de objetos educacionais. Revista Jovens Cientistas, v.:60p, ano.2, n.7, 2015.
4. Lira-da-Silva RM; Lira-da-Silva JR; Mise YF; Brazil TK. Educando sobre animais peçonhentos e salvando vidas: a importância de um museu universitário temático. *Museologia e Patrimônio* 12(1):139-152, 2019.
5. Lira-da-Silva, RM; Oliveira-Júnior NB; Oliveira, MAS; Fonseca, MF. Educação Sobre Animais Peçonhentos: Experiência formativa de mediadores no contexto de um Museu Universitário Itinerante. *Rev. Enseñanza de las Ciencias. Actas electrónicas del XI Congreso Internacional en Investigación en Didáctica de las Ciencias*:487-490, 2021a.
6. Lira-da-Silva RM; França EVG; Ribeiro WSP; Oliveira MAS; Silva JR; Sebastião MR. Um diálogo possível entre a Educomunicação e a Educação Intercultural na produção de vídeos em uma comunidade tradicional do Recôncavo Baiano (Bahia, Brasil). *Revista Bio-grafia, Número Extraordinario*:1-6, 2021b.
7. Lira-da-Silva JR; Almeida, RO; Lira-da-Silva, RM. Educação museal e mediação do Núcleo de Ofiologia e Animais Peçonhentos da Bahia da Universidade Federal da Bahia. *Revista CPC*, 17(33): 341–365, 2022.
8. Oliveira MAS; Sebastião MR; Lira-Da-Silva RM. Educomunicação para divulgar as inovações da Ciência Brasileira sobre animais peçonhentos. *ABPEducom - Associação Brasileira de Pesquisadores e Profissionais em Educomunicação*, 1: 507-527, 2023.
9. Santos, MDS dos; Lira-da-Silva, RM. Rede de Zoologia Interativa: é possível uma mudança no perfil conceitual de estudantes do ensino médio sobre os animais peçonhentos? *Gazeta Médica da Bahia*, 82:40-45, 2012.
10. Smania-Marques, Roberta; Souza, J.; Lira-Da-Silva, Rejâne Maria. Rede de zoologia interativa–Popularizando e desmistificando os animais peçonhentos. Lira-da-Silva RM. *A ciência, a arte & a magia da educação científica*. Salvador: Editora da Universidade Federal da Bahia, p. 121-131, 2006.